



# Da inspiração à profissão: compreendendo o processo de construção da docência feminina na Educação Física

*From inspiration to profession: understanding the construction process of female teaching in Physical Education*

*De la inspiración a la profesión: comprender el proceso de construcción de la docencia femenina en Educación Física*

Millena Silva Ramos

Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

[millenarms\\_13@mail.uft.edu.br](mailto:millenarms_13@mail.uft.edu.br)



Mayrhone José Abrantes Farias

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

[mayrhon@mail.uft.edu.br](mailto:mayrhon@mail.uft.edu.br)



Adriano Lopes de Souza

Universidade Federal do Norte do Tocantins, Tocantinópolis, Tocantins, Brasil.

[adriano.lopes@mail.uft.edu.br](mailto:adriano.lopes@mail.uft.edu.br)



10.31668/praxia.v5i0.13613



**Resumo:** Este estudo tem por objetivo compreender o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar, a partir da trajetória de uma professora do município de Tocantinópolis-TO. A pesquisa possui características de um estudo de caso, com caráter exploratório e uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados apontam que a identidade docente se constrói a partir de anseios pessoais e profissionais. Assim, a docência em Educação Física permite problematizar processos históricos e suas representações presentes no contexto escolar, além de construir valores no âmbito profissional. No entanto, apesar dos avanços nas lutas pela ocupação de espaços pelo público feminino, conclui-se que a desigualdade de gênero ainda existe em vários âmbitos, tal como no contexto investigado, apontando para a necessária desconstrução de estereótipos de masculinidade e feminilidade.

**Abstract:** This study aims to understand the construction process of female teaching in Physical Education at school, based on the trajectory of a teacher from the city of Tocantinópolis-TO. The research has characteristics of a case study, with an exploratory character and a qualitative approach, using a semi-structured interview as a data collection instrument. The results indicate that the teaching identity is built from personal and professional aspirations. Thus, teaching in Physical Education allows problematizing historical processes and their representations present in the school context, in addition to building values in the professional sphere. However, despite advances in struggles for the occupation of spaces by the female public, it is concluded that gender inequality still exists in several areas, such as in the investigated context, pointing to the necessary deconstruction of stereotypes of masculinity and femininity.

**Palavras-chave:**

Docência feminina.  
Educação Física escolar.  
Estudo de caso.  
Desigualdade de gênero.

**Keywords:**

Female teaching.  
School Physical education.  
Case study.  
Gender inequality.



**Palabras clave:**

Enseñanza femenina.  
Educación Física escolar.  
Estudio de caso.  
Desigualdad de género.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo comprender el proceso de construcción de la enseñanza femenina en Educación Física en la escuela, a partir de la trayectoria de una profesora de la ciudad de Tocantinópolis-TO. La investigación tiene características de estudio de caso, con carácter exploratorio y enfoque cualitativo, utilizando como instrumento de recolección de datos la entrevista semiestructurada. Los resultados indican que la identidad docente se construye a partir de aspiraciones personales y profesionales. Así, la enseñanza en Educación Física permite problematizar procesos históricos y sus representaciones presentes en el contexto escolar, además de construir valores en el ámbito profesional. Sin embargo, a pesar de los avances en las luchas por la ocupación de espacios por parte del público femenino, se concluye que la desigualdad de género aún existe en varios ámbitos, como en el contexto investigado, apuntando a la necesaria deconstrucción de los estereotipos de masculinidad y feminidad.

## **Introdução**

A discussão que envolve as relações de gênero em nossa conjuntura social tem sido objeto de vários estudos, em especial, no que se refere à inserção e permanência da mulher no mercado de trabalho (LINHARES; LAVINAS, 1997; SCHLICKMANN; PIZARRO, 2003). Ora, o interesse por estudar tal tema perpassa pelas mudanças que vêm ocorrendo em larga escala, nas quais a mulher vem ganhando um maior protagonismo e/ou empoderamento, caracterizados pelas lutas em favor do reconhecimento e atendimento dos seus direitos (ALTMANN, 1998; GOELLNER, 2007).

Sabe-se que o processo de inserção da mulher no mercado de trabalho envolve muitas lutas, numa busca árdua e contínua pela conquista do seu espaço, pois, esta tem de lidar o tempo todo com as “diferenças sexuais” ditadas pela sociedade, impondo assim diferentes valores sobre ela.

A intenção de produzir hierarquias que sustentam relações desiguais e de dominação no âmbito das relações sociais de gênero e na sua articulação com classe, raça, etnia e geração, sobre as diferenças entre homens e mulheres, são as explicações que nossa sociedade busca para enfatizar e problematizar o conceito de gênero e como forma de justificar as desigualdades sociais (VIANNA, 2013). Com efeito, tal conceito deve ser compreendido como um “[...] elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e como] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14).

De fato, essas relações de poder que insistem em inferiorizar e marginalizar as mulheres em relação ao mercado de trabalho são questões que atravessam contornos históricos, sobretudo, no que diz respeito aos cargos mais elevados, com uma boa remuneração, ainda que as mulheres tivessem um nível de escolaridade equivalente ou até mesmo superior ao dos homens. Assim, com o intuito de obter lucro de melhor custo-benefício, o empregador oferecia salários baixos e incompatíveis com as atividades exercidas às mulheres, estabelecendo, assim, que os primeiros contratos das mulheres no mercado de trabalho fossem discriminatórios, dispondo de uma remuneração 40% menor que aquela atribuída aos homens no mesmo cargo/função e com a mesma escolaridade (RIBEIRO; JESUS, 2018).

Com a luta das mulheres para se estabelecerem profissionalmente, ocorreu um processo conhecido como feminização, caracterizando um nicho no mercado de trabalho ocupado por mulheres. Tal processo pode ser identificado mais claramente na Educação Básica, uma vez que, do ponto de vista da composição sexual do professorado, foi apontada pelo primeiro Censo do Professor que 14,1% da categoria era formada por homens e 85,7% por mulheres (VIANNA, 2013), denotando, neste



caso, uma predominância do público feminino no magistério.

De fato, o magistério foi uma das saídas para as mulheres exercerem o direito de tarefas relacionadas à vida pública, tendo em vista que elas eram destinadas a cuidarem do lar e exercerem atividades somente da vida privada, ao mesmo tempo que passavam da liberdade econômica e social, sendo notadas na sociedade. Tal profissão também foi vista como feminina, em virtude da maternidade, incluindo cuidados relativos a moralização dos filhos no âmbito familiar e, por extensão, dos alunos no contexto escolar (RODRIGUES *et al.*, 2011; ROSA, 2011).

Observa-se que esse processo de feminização do magistério com a predominância do público feminino está diretamente relacionado às questões de gênero, nas diferenciações de um sexo e outro, ou seja, entre feminino e masculino. Em nossa sociedade essas diferenças são solidificadas com o intuito de produzir hierarquias que perpetuem relações desiguais e de domínio em contextos específicos das relações sociais de gênero e na sua articulação com classe, raça e etnia (VIANNA, 2013).

Com efeito, embora a temática de gênero venha sendo alvo de diferentes estudos, ainda há uma escassez de pesquisas que se debrucem sobre a inserção e a permanência da mulher na docência da Educação Física. Assim, em face de tal lacuna, emerge a nossa questão norteadora: como ocorre o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar? Desta forma, o presente estudo tem como objetivo compreender o processo de construção da docência feminina na Educação Física escolar.

## Aspectos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa com característica de um estudo de caso, realizada com uma professora formada em Licenciatura em Educação Física que atua no contexto escolar, mais especificamente em uma escola da rede pública do município de Tocantinópolis-TO. De acordo com Yin (2005), um estudo de caso deve possuir algumas características essenciais, dentre elas, o enfoque em um objeto de estudo específico, podendo ser um grupo, uma organização, um evento ou até mesmo um indivíduo, como é o caso da presente pesquisa.

Para tanto, assumimos um caráter exploratório e uma abordagem qualitativa, cujos dados produzidos dispensam uma quantificação e/ou uma análise estatística. No processo de pesquisa qualitativa a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados são elementos fundamentais.

O instrumento utilizado para a produção de dados desta pesquisa foi a entrevista semiestruturada, a qual foi orientada por um roteiro previamente elaborado

e composto por questões abertas. De acordo com Belei *et al.* (2008), é necessário que se faça o roteiro com a máxima atenção e de acordo com a pesquisa, observando se há questões que geram dificuldade de interpretação, identificando se o entrevistado se sente à vontade com o instrumento utilizado em relação as respostas das questões e se atinge o objetivo esperado.

Primeiramente, entregamos uma carta de anuência para a diretora de uma Escola pública do município de Tocantinópolis e após a devolução desse documento assinado, foi realizado o convite à professora Ryane Silva<sup>1</sup> para a mesma participar da pesquisa. O critério de escolha perpassou por uma experiência prévia entre a pesquisadora e a referida professora através da disciplina de Estágio Supervisionado da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Na ocasião, a pesquisadora foi acompanhada pela professora Ryane nas aulas de Educação Física, algo incomum nesta localidade, visto que os professores do referido componente curricular são quase que exclusivamente formados por homens.

Assim, após recebermos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pela professora Ryane Silva, marcamos a data e horário da entrevista. Em virtude das possibilidades apresentadas pela entrevistada, tal processo foi realizado por meio da ferramenta virtual *Google Meet*, que consiste em uma vídeo chamada online, na qual teve duração de uma hora e meia. Para tanto, foi elaborado um roteiro de perguntas abertas acerca da temática desta pesquisa. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra.

Para fins analíticos, foi adotada a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2004). Esta técnica possui três fases principais: 1- Estabelecer a unidade de análise (consideração das palavras-chave da pesquisa ou determinado assunto); 2- Determinar as categorias de análise (classificação e seleção dos dados); 3- Selecionar a amostra do material de análise (interpretação das vivências da entrevistada em relação à temática da pesquisa).

## **Resultados e discussão**

No presente tópico apresentaremos os dados produzidos, analisando-os à luz da literatura. Para tanto, focalizamos aspectos atinentes à escolha da profissão docente, bem como à sua percepção enquanto professora, observando o processo de construção identitária na Educação Física escolar e os respectivos desafios enfrentados na profissão.

### **Escolhendo sua própria direção: a mulher escrevendo a sua própria história**



A ascensão da mulher no mercado de trabalho é marcada por uma trajetória histórica que não aconteceu de forma estável, mas, por um árduo e histórico processo de luta e de resistência. Porém, a cada dia que se passa e a cada avanço nas lutas por direitos, as mulheres conseguem se enxergar cada vez mais próximas das estatísticas positivas em relação ao gênero, tal como destaca a entrevistada:

Hoje em dia nós mulheres estamos praticamente no mesmo “patamar” em questão de...de trabalho de profissão né? [...] a mulher, ela é muito independente, hoje a mulher faz o que ela quiser. A mulher hoje em dia ela é advogada, ela é polícia, ela é engenheira, ela é tudo o que ela quiser. Isso a gente vê a grande mudança daquela década para a que estamos hoje (PROFESSORA RYANE).

Observa-se que, apesar de ainda existir desigualdade, a entrevistada destaca as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, as quais são resultados de anos de luta e de movimentos feministas. Todavia, é preciso ter presente que ainda há um caminho longo a se percorrer para que as mulheres cheguem a um lugar de equidade com o gênero masculino em diferentes âmbitos. Em relação aos cargos, por exemplo, sobretudo, os cargos de chefia, percebe-se que a participação masculina é majoritária, mesmo com a significativa expansão da ocupação feminina no mercado de trabalho (RIBEIRO; JESUS, 2018).

No âmbito da Educação Física e dos esportes, por exemplo, percebe-se uma masculinização histórica, cuja trajetória da inserção das mulheres é marcada por um histórico de proibições (ALTMANN, 2015), o que, aliás, pode reverberar negativamente na própria escolha profissional das mulheres.

Na obra intitulada “A Dominação Masculina”, Bourdieu (2002) afirma que a construção social do corpo e sua naturalização em relação à força de dominação da imagem social masculina se dá pela soma da natureza biológica e a da construção social de uma representação simbólica de corpo, considerando o gênero que hierarquiza um sobre o outro, em conformidade com as diferenças sexuais de seus corpos em relação a seus órgãos (masculino e feminino). E o esporte, sendo tratado mais comumente como uma categoria masculina, enfatiza a tendência da predominância masculina no cenário da Educação Física em todas as suas dimensões, pois são fatores favoráveis para a inserção/ocupação deste público.

Em um evento voltado para promover o esporte em todo o estado do Tocantins, por exemplo, a nossa entrevistada percebeu que o público majoritariamente era masculino, incluindo docentes e discentes. Nesse sentido, como professora de Educação Física mulher, ela identificou-se claramente como minoria, juntamente com a aluna em que ela estava acompanhando, conforme ilustrado a seguir:

Eu tive uma experiência em Palmas-TO quando eu fui levar uma aluna que ela passou de fase aqui da regional e era xadrez [...]. Eu levei ela pra Palmas, pra competir o estadual e o que eu vi de professor homem “mermã”, mulher quase não tinha. [...] aqui tem muitas profissionais de Educação Física mulher, porém, não atuam como professora de sala de aula assim como eu né? E eu me senti assim, sabe, mas assim, firme e forte. Eu levei só uma aluna, mas estava super de boa, conversei com alguns professores pouco, mas, conversei. Mas, assim, eu senti falta das meninas, das mulheres, de a gente sentar e falar sobre nossos alunos, como é que foi ali naquela partida, não...não teve. Eu senti falta! (PROFESSORA RYANE).

Observa-se que houve importantes avanços nas questões feministas com o passar do tempo, principalmente, em relação a uma das mais importantes reivindicações, que era sobre a liberdade de escolha profissional da mulher (HIRATA; KERGOAT, 2007). Todavia, em pleno século 21, ainda é possível observar uma notória disparidade salarial entre homens e mulheres em muitos setores e ocupações ao redor do mundo, mesmo quando ambos possuem o mesmo nível de educação e experiência profissional (BLAU; KAHN, 2017; CROSBY, 2019). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média salarial das mulheres equivale a cerca de 77% do salário dos homens (IBGE, 2021), denotando que a discriminação de gênero também persiste em nosso país. O estudo realizado por Ferreira e Ponczek (2019), por exemplo, apontou que as mulheres com ensino superior completo recebem cerca de 30% a menos que os homens na mesma situação.

Com efeito, em que pese tais disparidades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, importa-nos ratificar os avanços correlatos à sua inserção, para que outras mulheres encontrem esperança e não desistam de lutar por direitos iguais, escolhendo a sua própria direção e escrevendo a sua própria história, o que nos leva para o próximo ponto: a escolha da profissão.

### **“Pronto, eu vou ter que ser professora”: da inspiração para a profissão**

A procura por uma profissão está para além da construção de uma carreira, pois vários fatores estão envolvidos quando se trata da escolha de um ofício, como por exemplo, a compensação financeira, a vocação, a visibilidade da profissão, o reconhecimento social, etc. No caso da nossa entrevistada, o pontapé inicial para optar pela profissão de professora perpassou pela sua participação ativa enquanto discente nas aulas de Educação Física escolar, incluindo, de maneira especial, a sua a finidade por práticas corporais como a dança e o teatro.

Eu fazia o curso de Educação Física porque eu me identifiquei com a dança e o teatro [...] aliás, a dança ela acaba que entrando muito no contexto Educação Física, querendo ou não, é cultura, né? E assim, como eu gostava muito de dança e o teatro envolve a dança e a dança envolve o teatro... tudo é questão de expressão, movimento do corpo e tudo mais... e aí fui estudando, quando



foi no meio do curso eu pensei “pronto... eu vou ter que ser a professora” (PROFESSORA RYANE).

De forma sintomática, é importante ressaltar que a escolha pela docência também perpassou pela admiração profissional que a entrevistada nutria por outra professora, com a qual ela teve a oportunidade de atuar como monitora. De fato, é uma prática habitual que as pessoas busquem se espelhar na outra quando se trata de tal escolha e com a nossa entrevistada não foi diferente, pois, ainda que não fosse formada em Educação Física, havia uma outra mulher cuja ação docente serviu-lhe como inspiração. A respeito dessa experiência, a entrevistada relatou:

[...] O meu trabalho seria como monitora de dança e se passara algum tempo comecei a trabalhar também como monitora de teatro. Na época a professora regente era a professora Kelly<sup>ii</sup>. Eu aprendi muito com ela, assim... eu devo muito a ela pelo que hoje eu consigo fazer em sala de aula. Se eu não tivesse é... tido essa experiência com ela na escola, eu acredito que eu não teria começado tão bem como eu comecei. E aí fui. Passou um tempo, resolvi estudar Educação Física. [...] Porque eu também trabalhei muito tempo em academias e praticava esportes diariamente, ou seja, Educação Física já fazia parte do meu futuro desde sempre (PROFESSORA RYANE).

Observa-se, então, que além da identificação com a área, a identificação com a referida professora também foi um fator fundamental para a opção da nossa entrevistada pela docência, ainda que esta não se configure como uma escolha fácil. Afinal, tal como adverte Gatti, André e Barreto (2014), a sociedade brasileira convive com uma imagem contraditória da profissão, pois, se por um lado, ela é considerada necessária para formar outras profissões, por outro, o professor é desvalorizado social e profissionalmente e, muitas vezes, culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar.

Destarte, escolher uma profissão implica na escolha de um modo de vida, sobretudo, quando se trata de profissão docente, uma vez que esta é a base para as demais profissões. No caso das mulheres, isso envolve ainda seguir um modo de vida cujas representatividades são inerentes a tal opção, incluindo todo um fator histórico entre a desigualdade de gêneros e a própria feminização do magistério.

Ademais, uma problematização é digna de nota. Trata-se da relação entre a Educação Física e o magistério, a qual nos parece ser inversamente proporcional, pois enquanto a Educação Física (como disciplina escolar ou como profissão) é historicamente masculinizada desde o início da sua implementação (com um conjunto de práticas destinadas para os meninos), o magistério, por sua vez, era visto como uma “profissão feminina”. Trata-se de um fenômeno denominado de “feminização do magistério”, caracterizado pela formação em massa de mulheres professoras com o surgimento das Escolas Normais, a partir do século XX (ROSA, 2011; VIANNA, 2013), cuja profissão expressava o papel feminino dentro da sociedade, reunindo um espectro de atributos, como o zelo, a sensibilidade, o cuidado com o outro, etc.

Ora, o que se pode extrair de tal relação? O fato de que é preciso buscar uma igualdade de direitos em ambos os cenários, cujos estereótipos precisam ser superados e cujas lutas e resistências apresentam-se como uma condição *sine qua non* para caminhar na direção da equidade.

### **Construção da identidade docente na Educação Física Escolar**

Observa-se que a identidade com a docência da professora Ryane foi se construindo a partir de lacunas que ela própria conviveu no seu processo de escolarização, mais especificamente na Educação Física escolar, conforme verifica-se no relato abaixo:

[...] na minha época eu percebia que eles [professores de Educação Física] davam uma maior atenção para os homens, isso é de fato. Não vou negar, não vou fechar os olhos para isso. Quando se tratava do treino, tipo: “agora é só os meninos” era aquela empolgação toda. Aí quando: “agora é as meninas”, assim, sabe aquela coisinha assim... aquele treinzinho assim, meio sem graça (PROFESSORA RYANE).

Com base no exposto acima, pode-se articular que as práticas limitadas que ela teve nas aulas de Educação Física, em alguma medida, serviram como uma referência a não ser seguida, isto é, como uma forma de não reproduzir as mesmas práticas limitadas que eram conduzidas por seus professores outrora. Nesse sentido, ela assegura que trabalha os esportes de forma democrática e inclusiva, abordando as suas respectivas regras, fundamentos técnicos e táticas, etc., pois, atuando dessa maneira, ela considera estar combatendo a desigualdade de gêneros nas aulas, a mesma que ela foi vítima em um passado relativamente recente.

Para além dos aspectos concernentes aos esportes, a entrevistada traz à tona a questão da dança como um conteúdo que os professores homens costumam ter dificuldade para ministrar e que, no seu entender, serve como vantagem justamente pelo o fato de já ser familiarizada com esse tipo de expressão corporal, conforme observa-se no relato abaixo:

[...] Então, acaba que chega a ser uma vantagem pra gente [professoras], mas, a maioria assim, os homens em si a maioria eles não conseguem dar uma aula prática de dança. Eu sou muito feliz por poder realizar as aulas de dança de todos os estilos que os objetos de conhecimento, aliás, que a BNCC do documento comum curricular apresenta eu consigo trabalhar todas sem dificuldade, assim, para mim é um privilégio (PROFESSORA RYANE).

Chama-nos a atenção, portanto, que dentre as atividades consideradas mais “afeminadas” e destinadas quase que ‘naturalmente’ para mulheres, inclui-se a própria Dança, um dos conteúdos da cultura corporal que, ao restringir-se para o público feminino, tende a perpetuar as desigualdades de gênero. De acordo com Go Tani



(1988), muitos professores encontram ainda dificuldades em aplicar aulas de dança no ambiente escolar, em decorrência, sobretudo, do preconceito por parte dos meninos que relacionam tal expressão corporal como sendo predominantemente feminina, representando um reflexo de uma sociedade “machista”. Portanto, pode-se articular que, embora a Dança possua inúmeros benefícios motores e sociais, tal conteúdo acaba sendo desvalorizado no contexto das aulas de Educação Física.

Em seu estudo sobre “Autopercepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança”, Cardoso *et al.* (2009), constatou que, enquanto os esportes são caracterizados pela predominância masculina, as mulheres são praticantes predominantes na realidade do mundo da dança. O que pode explicar tais diferenciações são os estereótipos criados em que o esporte remete a ideia de masculinidade e virilidade e a dança, por sua vez, acaba sendo uma prática caracterizada como feminina.

Segundo Assis *et al.* (2015), as diferenças entre homens e mulheres não são estabelecidas apenas pelo sexo (biológico), mas também por um conjunto de aspectos sociais, históricos e culturais. Nesse caso, a dança é uma manifestação corporal em que o movimento do corpo é o principal objeto de expressão e comunicação, envolvendo, ainda, fatores sociais, históricos e culturais, refletindo na predominância de um público sobre outro em sua prática, assim, como o domínio da mesma.

De todo modo, evidencia-se que, dentre outros aspectos, a afinidade com a Dança apresentou-se como fundamental para o processo de construção da identidade docente da nossa entrevistada na Educação Física escolar.

A entrevistada mencionou, ainda, um conjunto de aspectos que se apresentavam como desafios a serem superados na Educação Física escolar antes mesmo de ser perguntada a respeito deles, como começo da sua atuação como professora, a sua dificuldade de fazer a explanação do conteúdo e explicar o objetivo, etc. Chamou-nos a atenção que, no seu entender, tais aspectos não tinham a ver com o fato de ela ser professora mulher, mas, por ser uma docente iniciante. Com efeito, quando nos propomos a fazer algo ao qual não estamos familiarizados, é comum (quicá, esperado) que haja uma certa insegurança, oriunda da inexperiência.

Em contrapartida, constatamos que as vivências anteriores na escola em que ela começou a trabalhar como professora de Educação Física, contribuíram para a boa aceitação da entrevistada por parte dos sujeitos escolares, em especial, dos seus alunos e alunas. Não obstante, ela relata que um dos seus colegas não teve o mesmo êxito no começo, por isso, ela atrela a sua boa aceitação ao fato de anteriormente já ter tido experiência com o trabalho na referida escola.

De acordo com Gariglio (2017), a iniciação à docência é um dos períodos mais importantes e únicos da trajetória docente, os quais determinam de forma potente na construção da identidade profissional dos professores, influenciando na relação que se estabelece no trabalho tanto no presente, como no futuro. Porém, as experiências iniciais não podem ser levadas em conta como algo absoluto, pois, cada sujeito vive suas experiências de maneiras individuais, e assim, há que se levar em consideração um conjunto de fatores que agem sobre as possibilidades de descobertas da profissão e seus respectivos obstáculos.

Por outro lado, a necessidade de suprir lacunas pessoais faz parte não só do processo de construção da docência da entrevistada, mas, também serve para passar pelas respectivas dificuldades, uma vez que se observa que a sua constante adaptação e a sua preocupação com a inclusão fazem parte desse processo. É notório o olhar sensível da professora para incluir todos e todas em suas aulas teóricas e práticas. E também sua intervenção pedagógica para que nenhum aluno saia prejudicado em relação ao aprendizado. Pensamos que tal olhar sensível já serve como um importante começo para mudar a realidade da esportivização masculinizada da Educação Física. A este respeito, observa-se o seguinte relato:

E acaba que aquelas que não gostam, as vezes não é nem questão de não gostar, é questão da falta de incentivo do próprio professor. Quantas vezes eu já tirei aluno do banco pra participar de uma aula de futsal, de um vôlei, de uma corrida na escola. Mas, porque estava ali acomodada, sem incentivo. Não era porque ela não queria, as vezes estava com vergonha, estava com receio... porque esses alunos vai passando o tempo e eles vão crescendo, vão ficando maiores e infelizmente vão ficando com um pouco de receio de estar participando, e aí, cabe a nós profissionais dar aquele empurrãozinho “vamos lá, você consegue” e assim, dá muito certo o incentivo (PROFESSORA RYANE).

Vários estudos que têm por temática a formação de professores analisam como os ciclos e fases diferentes interferem no desenvolvimento profissional em relação à carreira docente. Gariglio (2017) propõe que a carreira docente divida-se em duas fases distintas, onde a primeira é a de entrada na profissão, correspondendo ao primeiro ano de experiência na escola, ao qual, as múltiplas responsabilidades do ato de ensinar são confrontadas pela primeira vez; a segunda é a fase de crescimento na profissão, que caracteriza-se pela relação dos alunos e colegas de profissão e os professores iniciantes. Durante esse período, os novos professores tendem a empenhar-se na melhoria das competências e nos respectivos métodos, tal como faz a professora Ryane, na tentativa de garantir um acesso igualitário de todos e todas nas práticas corporais.



## Entre o exercício profissional e a desigualdade de gênero na Educação Física

Durante a entrevista, outro aspecto que chamou-nos a atenção diz respeito ao relato de situações vivenciadas pela entrevistada que evidencia as desigualdades de gênero em sua profissão, o que, aliás, caminha ao encontro da trajetória histórica da Educação Física, a qual é marcada por uma estreita relação como ideal de masculinidade e virilidade desde o início do século XVIII, cujas práticas de Ginástica objetivavam a formação de meninos saudáveis, robustos e disciplinados (OLIVEIRA, 2004).

Para a entrevistada, o fato de se identificar como minoria em diferentes momentos causou-lhe um desconforto pessoal e profissional, potencializando seu anseio para que haja uma maior igualdade de gênero na Educação Física escolar, conforme pode-se verificar na seguinte narrativa:

[...] eu queria muito chegar no JETS [Jogos Estudantis do Tocantins] e ver um monte de mulher com seus alunos, sabe quando você vai apresentar os seus alunos – porque sempre tem aquela hierarquia de apresentar de se apresentar a escola, apresentar o professor e tal – eu queria muito, um dia chegar e ver aquela fileirinha de mulheres com as suas turmas sabe, mas, a gente quase não vê isso, não vê. Assim, é... essas mulheres tem que colocar o pezinho um pouco mais na frente né? não só na nossa área de Educação Física, mas, como em outras profissões também (PROFESSORA RYANE).

A entrevistada menciona, ainda, que há uma diferenciação facilmente observável a respeito das escolhas profissionais dos seus colegas de graduação, pois enquanto os homens se inserem na Educação Física escolar, as mulheres enveredam-se para uma outra vertente da área, tal como verifica-se no relato a seguir:

[...] na verdade a maioria [das egressas] são donas de academia, elas não atuam em sala de aula, pelo menos as que eu conheço né? que, aliás, que eu vejo os perfis, que acompanho nas redes sociais, mas as outras não. Agora os homens... pra você ver, né? os meus colegas estão quase todos em sala de aula (PROFESSORA RYANE).

Deste modo, torna-se pertinente problematizar tal divergência na escolha da atuação profissional entre os egressos e as egressas do referido curso, a qual, de alguma maneira, parece encontrar eco no paradoxo existente entre o fenômeno da feminização no magistério (ROSA, 2011; VIANNA, 2015) e o fenômeno da masculinização na Educação Física (ALTMANN, 2015), tal como citado alhures.

Desse modo, observa-se que, mesmo com os avanços reivindicados pelas mulheres pela ocupação de mais espaços, a reprodução dos efeitos desses tempos ainda existe, tal como exemplificado pela experiência da entrevistada com a Educação Física durante a sua escolarização, onde a mesma relata que seu professor dava mais ênfase nos treinos quando este era destinado aos meninos. Diante disto, como esperar

que as alunas se interessem pela disciplina? Acredita-se que a representatividade se torna um aspecto valoroso na construção social do indivíduo. Ter uma professora mulher, por exemplo, cujo domínio na prática sempre se mostrou majoritariamente masculino, serve também para inspirar as alunas, demonstrando que elas também podem ocupar o mesmo espaço e ter a mesma relevância social.

A entrevistada apontou que no início de sua trajetória profissional ela subestimava não somente a si mesma, julgando-se incapaz de exercer tal ofício de forma adequada. Porém, o fato de estar constantemente buscando atualizar-se com a formação continuada foi importante não apenas para a aquisição de novos conhecimentos, mas, também como um apoio para estar sempre preparada da melhor forma para enfrentar novos desafios, e assim, ir constituindo-se enquanto docente, conforme ilustrado no seguinte relato:

Eu me considero uma grande profissional da área porque eu busco mais e mais conhecimento, inclusive eu até finalizei uma pós agora no ano passado, em novembro, e daqui a dois meses eu não tô podendo, mas, daqui a dois meses eu já vou iniciar outra, mas, é na área da educação inclusiva porque eu tô trabalhando na APAE, então eu tenho que buscar conhecimento na área, né? Então, quanto mais eu buscar, melhor pra mim e melhor para os meus alunos (PROFESSORA RYANE).

Ora, compreende-se que a garantia de um acesso facilitado aos docentes para aprimorar os seus conhecimentos é um dever das autoridades, cabendo ao docente, por sua vez, buscar o aprimoramento profissional como um valor, por meio da formação continuada, a fim de lidar com os desafios que emergem ao longo da carreira professoral. Assim, a profissão docente nos permite vivenciar experiências que podem ser consideradas únicas e determinantes para a construção da identidade profissional, agregando valores como profissional e também como pessoa.

Quando a gente trabalha com alunos, a gente não fala só de um, nem de dois. A gente fala de centenas de alunos, sem contar que ainda tem os pais. Então, assim, comprometimento com a ética é uma coisa que eu tenho pra mim. Querendo ou não, não que eu sou obrigada, mas, é minha profissão, então assim, o comprometimento com a ética em todas as atividades profissionais, até mesmo em locais que eu estou que eu vejo que tem alunos ou pais, a gente tem que ter um comportamento, uma postura [...] e assim, a responsabilidade social, a valorização da cultura, o incentivo de qualidade de vida e com certeza a solidariedade (PROFESSORA RYANE).

Ora, no bojo das questões de natureza axiológica, observa-se que a referida docente, de alguma maneira, apresenta-se como uma referência valorativa para os seus alunos e alunas, ao apontar valores que para ela são inegociáveis no exercício de sua profissão, conforme foi ilustrado no excerto acima.



## Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal compreender o processo de construção da identidade docente feminina na Educação Física escolar, a partir da trajetória de uma professora do município de Tocantinópolis-TO. Para tanto, considerou-se aspectos como a inserção da mulher no mercado de trabalho, o histórico da Educação Física, até as relações de gênero no contexto da Educação Física e a construção da identidade docente da professora entrevistada.

As marcas históricas do árduo processo de inserção da mulher no mercado de trabalho estão relacionadas diretamente com o processo de feminização do magistério, formando um corpo docente majoritariamente feminino. Em contrapartida, o histórico da Educação Física se apresenta masculinizado a partir das práticas de Ginástica e do processo de esportivização, reverberando no corpo docente majoritariamente masculino, conforme destacado pela entrevistada, desde o tempo em que era aluna da Educação Básica até a sua atuação enquanto professora deste componente curricular.

Nesse sentido, constata-se que a identidade docente da entrevistada foi sendo construída a partir de anseios pessoais e profissionais, a partir de suas vivências, com foco na superação de obstáculos que surgiram e surgem ao longo da sua carreira docente, podendo observar que a sua constante adaptação e preocupação com a inclusão fazem parte deste processo. Outro aspecto importante que pôde ser observado foi a sua afinidade com a Dança que se apresentou como um fator fundamental para a sua escolha profissional e a construção da sua identidade docente.

Ademais, os resultados apontaram que os ciclos e fases interferem no desenvolvimento profissional em relação à carreira docente, de modo que a trajetória profissional se faz a partir de vivências que possuem fatores que influenciam direta ou indiretamente neste processo. A importância da Educação Física escolar perpassa do simples ensinar e aprender sobre a Cultura Corporal como seu objeto de conhecimento, mas, possui relevância quando podemos observar a possibilidade de, a partir de práticas pedagógicas dentro da disciplina, problematizar processos históricos e suas representações presentes no contexto escolar, além de construir valores no âmbito profissional.

A trajetória de inserção das mulheres na Educação Física foi marcada por um processo de proibições que apesar das conquistas podem ser reproduzidas ainda hoje e que a própria escolha profissional pode ser reflexo disso. Observando o processo de feminização do magistério e o histórico da Educação Física, onde um se opõe ao outro em relação à composição do corpo docente, é importante que haja a desconstrução de

estereótipos que hierarquizam um gênero sobre o outro e salientar que competência profissional independe do sexo biológico.

Desta forma, conclui-se que, apesar dos avanços no que tange uma maior democratização na ocupação de espaços que antes eram majoritariamente masculinos, a desigualdade de gênero ainda existe em vários âmbitos. Porquanto, isso requer a realização de novos estudos que se debrucem sobre a referida temática, incluindo, por exemplo, o levantamento do número oficial de professores e professoras de Educação Física no Brasil, de forma geral, e no estado do Tocantins, de forma particular. Outrossim, é imperativo trazer à tona os avanços nas lutas femininas e a sua respectiva representatividade em diferentes áreas de atuação, com a desconstrução de estereótipos anacrônicos de masculinidade e/ou feminilidade. Afinal, lugar de mulher é onde ela quiser.

## Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.

ASSIS, Marília Del Ponte; MARQUES, Danielli Alves Pereira; ROBLE, Odilon José; SARAIVA, Maria do Carmo. Feminilidades e masculinidades na cena contemporânea: análise do espetáculo caminho da seda – raça cia de dança de São Paulo. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 449–461, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMONO, Patrícia Helena Vivan Ribeiro. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, v. 30, n. 1, p. 187-199, 2008.

BLAU, Francine Dee; KAHN, Lawrence Max. The gender wage gap: Extent, trends, and explanations. **Journal of Economic Literature**, v. 55, n. 3, p. 789-865, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A dominação Masculina. 2. Ed. Rio de Janeiro. **Bertrand Brasil**, 2002.

CARDOSO, Fernando Luiz.; SILVEIRA, Rozana Aparecida; ZEQUINÃO, Marcela Almeida; MARTINS, Caroline; SOUZA, Cícero Augusto. Auto-percepção corporal e preferências motoras de praticantes de dança. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 97–112, 2009.



- CROSBY, Faye. Glass ceilings in the 21st century: Understanding barriers to gender equality. **American Psychologist**, v. 74, n. 5, p. 580-591, 2019.
- FERREIRA, Cícero; PONCZEK, Vladimir. Desigualdade salarial por gênero no Brasil: o que mudou entre 1995 e 2015? **Revista Brasileira de Economia**, v. 73, n. 3, p. 205-225, 2019.
- GARIGLIO, José Angelo. Singularidades da inserção profissional de professores de Educação Física iniciantes. **Movimento**, v. 23, n. 3, p. 1001-1012, 2017.
- GATTI, Bernadete Angelina; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, 2007.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2019**: Mercado de trabalho. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- LINHARES, Leila; LAVINAS, Lena. Mulheres e trabalho: lei e mercado. **Revista Proposta**, n. 72, p. 52-61, 1997.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- RABELO, Amanda Oliveira. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis**, v. 6, 2007.
- RIBEIRO, Regina Martins; JESUS, Rosilene Soares. A inserção da mulher no mercado de trabalho no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, 2018.
- RODRIGUES, Edirlene de Nazaré; SANTOS, Luana Soares dos; ABREU, Janete Dias. A ocupação feminina nos cargos de chefia: dificuldades e superações. **Revista Científica da Faculdade Cenecista de Varginha**, Varginha/MG, v. 1 n.9, p. 1-11, 2011.
- ROSA, Renata Vidica Marques. Feminização do magistério: representações e espaço docente. **Revista Pandora Brasil**, ed. esp., v. 4, p. 26-39, 2011.
- SCHLICKMANN, Eugênia; PIZARRO, Daniella. A evolução da mulher no trabalho: uma abordagem a ótica da liderança. **Revista Borges**, v. 03, n. 01, 2013.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

TANI, Go. Educação Física e Esporte no Ensino de Terceiro grau: Uma abordagem desenvolvimentista. *In*: PASSOS, Suely Colombo Éboli. (Org.). **Educação Física e Esporte na Universidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.

VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman editora, 2005.

Recebido em: 30/12/2022

Aprovado em: 07/03/2023

Publicado em: 13/04/2023

---

<sup>i</sup> Em conformidade com as questões éticas, optamos por atribuir-lhe um nome fictício, garantindo-lhe, destarte, o devido anonimato.

<sup>ii</sup> Nome fictício.

